

SOBRE “DAS UNHEIMLICHE”, DE S. FREUD

Vera Maquêa¹



Resumo: Em 1919 Sigmund Freud publicou um texto que ainda hoje tem despertado a curiosidade dos estudiosos da linguagem, em particular, da literatura: *Das Unheimliche*. Esse texto foi traduzido para o português como *O estranho* a partir do alemão e da tradução inglesa *The Uncanny* e assimila, pelas dificuldades próprias da tradução, problemas de linguagem e de sentido que constituem já desafios para o autor na origem.

Palavras-chave: Freud, linguagem, literatura, estranho, desafios.

Abstract: In 1919, Sigmund Freud published a text that still today it has awake the curiosity of the researchers, mainly from the literature: *DAS UNHEIMLICHE*. The text was translated to Portuguese as *O Estranho* from the German and the English translation *The Uncanny* and it assimilates, by the inherent translation difficulties, language and feeling problems that constitutes challenges to the author in the origin.

Keywords: Freud, language, literature, strange, challenges.

Em 1919, Sigmund Freud publicou um texto que ainda hoje tem despertado a curiosidade dos estudiosos da linguagem, em particular, da literatura: *Das Unheimliche*. Esse texto foi traduzido para o português como *O estranho*, a partir do alemão e da tradução inglesa *The Uncanny*, e assimila, pelas dificuldades próprias da tradução, problemas de linguagem e de sentido que constituem desafios para o autor, na origem. Num passeio por várias línguas, Freud pesquisa em diversos dicionários termos correspondentes à palavra alemã *heimlich*. Encontra alguns sentidos confluentes, mas, ao mesmo tempo, desviantes, e, depois, retorna ao alemão, de onde parte, para uma inquisição significativa que atravessa, em várias direções, aspectos da infância e da formação psíquica do sujeito que acompanham neuroses infantis e que permanecem em muitos casos.

Encontra-se na palavra alemã uma ambigüidade fundamental, já que *heimlich* significa tanto o que é familiar, doméstico, pertencente à casa, íntimo (p. 279) etc, quanto aquilo que está oculto e reprimido, escondido e recalcado (p. 282). Assim, o sentido da palavra *heimlich* coincide com o da palavra *unheimlich*. Ainda que Freud afirme que “a palavra alemã *unheimlich* é obviamente o oposto de *heimlich*” (p.277), está interessado em investigar exatamente esse campo comum de sentidos que constitui um e outro. O que é aterrorizador, assustador, no mais

das vezes, habita o familiar e esse estranho, ou esse sinistro, pode ser o que o sujeito desconhece de si mesmo. Os dicionários, segundo Freud, não esclarecem muito, talvez porque “nós próprios falamos uma língua que é estrangeira” (p. 278).

O interesse do assunto para a literatura, a meu ver, está em que a primeira consideração do autor seja sobre seu passeio pelos campos da estética, ocupando-se da estética “não simplesmente como a teoria da beleza, mas a teoria das qualidades do sentir” (p. 275). Para abordar o tema do “estranho”, Freud percorre uma galeria de casos clínicos colhidos tanto na vida real quanto na vida ficcional, mas percebe-se, claramente, que é no discurso literário que concentra sua especial atenção.

Relacionando o “estranho” ao que é assustador, ao que provoca medo e horror, o autor avisa sobre uma estrada bifurcada: uma seria “descobrir que significado veio a ligar-se à palavra” (p. 277), uma espécie de gênese semântica do termo; outra seria “reunir propriedades” (p. 277) comuns de eventos que despertam em nós o sentimento de estranheza, o que seria construir uma gramática do “estranho” a partir do sujeito que vive a situação de estranheza. Localizar no “assustador” o caráter do estranho é dar autonomia plena ao objeto e é, de fato, uma questão estética fundamental, tal como em Aristóteles, que preconiza que a qualidade do

¹ Professora de Literatura- campus de Cáceres-MT- UNEMAT.



objeto nele está contida de forma essencial e, portanto, que os objetos possuem qualidades imanentes.

Atribuir a estranheza ao sujeito que vive a experiência do estranho é mais complexo, pois seria remeter para fora do objeto e a essa exterioridade, sua constituição e existência. Então novamente a ambigüidade do (*un*)*heimlich* se faz presente. O argumento de Freud é o de que ambos se encontram porque o resultado é o mesmo, ou seja, “aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, há muito familiar” (p. 277) coloca o problema de conhecer o estranho pelo que está escondido nas dobras do doméstico. Nesse ponto, a questão se torna mais difícil de ser enfrentada, pois, lembre-se, Freud trata de casos reais, mas, sobretudo, de exemplos da literatura, de experiências ficcionais. E não é pouco se se atentar para o fato de que o autor escolhido para tal empreendimento é Hoffmann e seu exemplar “O homem de areia”. A definição de propriedade do estranho não pode ser reduzida a si mesma como objeto ou ao seu exterior.

Se há essa contradição inconciliável, ou paradoxal, pense-se, é menor no resultado efetivo da discussão do que na construção do texto, porque, ao final, parece que Freud busca tanto a essência no sentido de saber o que constitui seu objeto, de que matéria constitui-se o “estranho”, quanto as particularidades, as subjetividades de quem o experimenta. O esforço do autor parece ser por encontrar uma definição para algo que nem sequer pode ser facilmente nomeado. Se no rastreamento dos sentidos da palavra *unheimlich* Freud encontra a palavra *heimlich* e vice-versa e se chega ao entendimento de que num determinado momento o sentido de ambas se conflui, isso explica o aparente paradoxo de que o estranho é “aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, há muito familiar” (p. 277).

Esse campo de intersecção é que constitui o problema. Como saber o que é esse “algo” que consegue pertencer a duas categorias inicialmente excludentes? A recorrência à literatura parece ser o caminho mais produtivo que o autor encontra, talvez porque o texto é uma realidade material muito melhor definida que as experiências que enfrentamos na vida. Assim, a análise de Hoffmann permite o melhor exercício de sua investigação, considerando que a literatura oferece uma circunstância dada, uma “narrativa”, um todo

mais coeso, pode-se dizer, de uma situação delimitada.

Pense-se nos romances de William James, principalmente *A volta do parafuso*. Suas noites cheias de vultos, a estranha narradora e as duas crianças que nunca se separavam são tecidas no cuidado de uma narrativa, à semelhança nebulosa que aperta, a cada volta, como um parafuso, o par ritmo e mistério que a engendra. O que as crianças viam, que ninguém mais conseguia ver, parece exercer o sentimento de “horror” sobre algumas personagens e, através delas, e somente através delas, no leitor. O leitor experimenta “o estranho”, o “não-familiar”, mas só na medida em que algumas personagens experimentam esse estranhamento como algo que já lhes é familiar. Não é a mesma coisa em Edgar Allan Poe. Suas *Histórias Extraordinárias*, na estrutura da narrativa policial, engendra o “estranho” como natural no gênero policial. O sentido do estranho está impregnado pela familiaridade do gênero, seja o que for que se encontre na história. A tendência de dizer mais do que deve é uma expressão da consciência perturbada do narrador no conto “O gato preto”: “Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto, bastante doméstica que vou narrar” (POE, p. 41). O excesso não é exatamente o crime, mas a sua denúncia feita pelo próprio criminoso.

Assim, a ambivalência anunciada por Freud do termo *heimlich*, que leva à coincidência com o sentido do seu oposto *unheimlich*, é obtida tanto pelo que é dado a ver, quanto pelo que se “esconde”, pela impossibilidade de pureza das coisas e dos seres, pela natureza contraditória do mundo que é extensiva nas coisas e nos seres. O próprio Freud, nesse mesmo texto, passa pela questão do duplo, narrando a experiência de encontrar sua imagem no espelho, em que o outro é que permite o encontro com algo que nem ele próprio conhecia, mas que era, ao fim, ele mesmo: um estranho no próprio corpo. O estranhamento de si mesmo torna-se mais um indicador seguro de que sua tese tem sentido, lembrando Schelling, que ele cita, considerando o valor da sua argumentação geral: “o estranho provém de algo familiar que foi reprimido” (p. 307). Portanto, é algo que coexiste com o “familiar” e só assim permite o *unheimlich*.

De Aristóteles a Umberto Eco e Italo Calvino, o problema da relação entre as palavras e as coisas, com diferentes acentos de rigor teórico, foi

tratado à luz de perspectivas diversas. É considerável a literatura que toca o *unheimlich*, como a literatura fantástica (na brasileira, Murilo Rubião, José J. Veiga); sobre o realismo mágico (na literatura hispano-americana, García Márquez, Carpentier); o maravilhoso (na literatura portuguesa, Camões); o absurdo (na literatura tcheca Kafka) e tantas outras referências que podem ser colhidas na literatura de todos os tempos. Enfim, parte considerável da literatura põe-se sobre esses problemas que nos tocam na vida e na arte e que inquietaram Freud: sejam algumas coisas estranhas na realidade e não na literatura e vice-versa; seja o mundo ficcional, dada a liberdade imaginativa do autor, muito mais fértil para a criação do “estranho” e, ao mesmo tempo, que muitos acontecimentos tomam a vida de modo tão inabordável que, por vezes, seja difícil concebê-los mesmo na ficção.

O mais extraordinário no texto de Freud é justamente o fato de um homem que prezava o rigor da Ciência ter se deixado capturar pelo encanto da linguagem, imiscuir-se por entre letras

e palavras em dicionários diversos, em itinerários de línguas estrangeiras e, estrangeiro na própria língua, perder-se para encontrar o mundo do paradoxo, de certa dialética em que duas realidades excludentes se tocam, se misturam e se significam e voltam a se excluir. Esse o mundo da linguagem. O mundo da literatura é alimentado pela vida.

Aceito para publicação em 23/04/2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. O “estranho”. In: _____. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p.274-314 (Obras completas vol. XVII).

JAMES, Henry. *A volta do parafuso*. São Paulo: Clube do livro, 1987.

POE, Edgar Allan. *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Nova Cultural, 1993.

